



Entre a resiliência e a fúria



Em **conversa com o Correio, Carolina Chalita** abre o jogo sobre o monólogo **“Eu Matei Sherazade”**, que chega ao Teatro TotalEnergies **nesta sexta-feira (24)**. A atriz assina a dramaturgia do espetáculo que **discute a herança árabe, o machismo estrutural e a urgência de romper com os papéis impostos às mulheres**. Nessa entrevista, ela reflete sobre **ancestralidade, resistência e o prazer como ato político**. Páginas 2 e 3

ENTREVISTA | CAROLINA CHALITA

ATRIZ

Juliana Chalita/Divulgação



‘Ser mulher é quase uma nacionalidade’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

“Eu Matei Sherazade, Confissões De Uma Árabe Em Fúria” é uma peça de contágio, para qual não existe cura. E quem vê não quer ser curado: quer bis. Roda o Brasil há uns anos: começou a ganhar ribaltas em outubro de 2024, e agradou; agradou tanto que sempre encontra pauta para voltar. Uma vez tocado pela autopsia em corpo vivo que a atriz Carolina Chalita faz não só de uma civilização milenar, mas da própria condição feminina, a contaminação se espalha... e na forma de encantaria. Seu desempenho esplendoroso à frente de um projeto pavimentado sob um livro homônimo da jornalista e escritora libanesa Joumana Haddad faz muita gente retornar às casas de espetáculo onde a estrela – em estado de graça – festeja ancestralidades e combate os djins da intolerância.

A encenação da hora será no Teatro TotalEnergies, na Glória, onde o monólogo terá apenas três apresentações nos próximos dias: 24, 25 e 26 de julho. Na sexta-feira e no sábado é às 20h. No domingo, às 18h. Indicada ao Prêmio APTR por regar uma lavoura arcaica de vivências, Chalita atua e assina a dramaturgia, sob a direção de Miwa Yanagizawa. A direção musical é de Beto Lemos. A música ao vivo fica a cargo de Maria Clara Valle. Após a reestrea no Rio, o espetáculo segue em tour até outubro pelas unidades do SESC RJ e no Centro Cultural do Poder Judiciário (CCPJ).

Em erupção em cena, o vulcão Chalita - que tem ascendência no Líbano, como Joumana - narra as confissões de uma árabe enfurecida pela maneira como a mulher é vista por seu próprio povo e pelo olhar preconceituoso do Ocidente. Sua fúria é cheia de poesia.

O que a condição de “ser árabe” passou a representar para você ao longo do périplo da peça? O que há de árabe na tua essência e na tua vivência?

Carolina Chalita - Ser árabe, para mim, é uma condição que antecede esta peça. É uma herança que atravessa a minha história muito antes de eu encontrar o texto de Joumana Haddad. Sou descendente de libaneses da região de Bakhafra, no norte do Líbano. Meus bisavós, Semeuia Thanus Chalita e Milhem Seba Chalita, chegaram ao Brasil em 1896, sem falar uma palavra de Português, fugindo da guerra. Começaram

como mascates, construíram patrimônio, fundaram uma fábrica de tecidos e criaram o primeiro cinema do Vale do Paraíba, em Cachoeira Paulista. Sempre que penso neles e em sua extraordinária capacidade de recomeçar. Essa história moldou profundamente a minha maneira de olhar o mundo. Cresci entendendo que ser árabe é carregar uma cultura empreendedora, resiliente e profundamente comprometida com o conhecimento. Um povo que aprendeu, ao longo dos séculos, a transformar deslocamentos, perdas e adversidades em criação. Talvez por isso, o meu encontro com ‘Eu Matei Sherazade’ tenha sido



O espetáculo 'Eu Matei Sherazade' começou a ganhar ribaltas em outubro de 2024, e agradou; agradou tanto que sempre encontra pauta para voltar aos palcos



Carolina Chalita narra as confissões de uma árabe enfurecida pela maneira como a mulher é vista por seu próprio povo e pelo olhar preconceituoso do Ocidente

Juliana Chalita/Divulgação



“Ser árabe, para mim, é uma condição que antecede esta peça. É uma herança que atravessa a minha história muito antes de eu encontrar o texto de Joumana Haddad”

tão inevitável. Joumana Haddad fala de uma mulher que se recusa a viver a partir dos papéis que lhe foram impostos. Essa insubmissão me atravessa como mulher, como atriz e também como descendente de árabes.

Que preconceitos cercam o povo árabe?

Existe um imaginário ocidental que costuma reduzir o Oriente Médio ao fundamentalismo, à guerra e ao atraso. Mas basta olhar para a história para perceber a imensa contribuição da civilização árabe ao desenvolvimento da Medicina, da Matemática, da Astronomia, da Filosofia e da Literatura. Durante séculos, enquanto parte da Europa atravessava períodos de profundo obscurantismo, grandes centros árabes eram referências mundiais na produção de conhecimento. Essa memória muitas vezes foi apagada por uma visão orientalista que simplificou uma cultura extremamente sofisticada. É justamente essa complexidade que me interessa. Na peça, Joumana Haddad propõe um gesto radical: matar Sherazade. E esse assassinato não é contra uma personagem, mas contra um arquétipo. Sherazade representa a mulher que precisa contar histórias para sobreviver, que negocia a própria

existência para permanecer viva. Ao enterrá-la, Joumana nos convida a apertar um botão de reinício. A imaginar outras possibilidades de existência.

De que forma esse apertar de um botão histórico conversa com a sua ancestralidade?

Esse gesto conversa profundamente com a história da minha família. Meus ancestrais também precisaram abandonar tudo para reconstruir uma vida inteira em outra língua, em outro continente, em outra cultura. Existe muita coragem nisso. Existe dor, mas existe também confiança na Humanidade. Talvez essa seja, para mim, a maior herança árabe: a capacidade de começar outra vez sem perder a dignidade.

O que esse texto abre de mais inflamado (e ainda não curado) nas cicatrizes que o povo árabe carrega na carne e na alma?

A melhor resposta para essa pergunta continua sendo a da própria Joumana Haddad. Em 'Eu Matei Sherazade', ela escreve: 'Eu me pergunto quando foi que, do alto da nossa cultura, em que se falava de sexo com tanta naturalidade, começamos a despencar no

abismo dos tabus. Quando foi que a guerra e o fundamentalismo nos roubaram a liberdade? Não aconteceu de um dia para o outro. Foi um processo longo e meticuloso. Esse trecho desmonta uma ideia muito difundida no Ocidente: a de que a opressão das mulheres árabes sempre existiu da forma como conhecemos hoje. Joumana lembra que nenhuma sociedade nasce fundamentalista. A perda das liberdades é construída aos poucos, por guerras, disputas de poder, extremismos religiosos e interesses políticos. Essa reflexão não diz respeito apenas ao mundo árabe. Ela serve como alerta para qualquer sociedade que naturaliza pequenas perdas de liberdade até que elas se tornem regra.

O que é ser mulher árabe num mundo de rótulos e de machismo?

Eu costumo reformular essa pergunta. A questão não é apenas o que significa ser mulher árabe. É o que significa ser mulher em um mundo ainda organizado por estruturas profundamente machistas. Ser mulher é quase uma nacionalidade. Independentemente da cultura, compartilhamos muitas experiências: a desigualdade salarial, a violência, a sobrecarga dos cuidados, o julgamento constan-

te sobre nossos corpos e escolhas. No Brasil, isso aparece de maneira muito evidente. Mulheres ainda interrompem carreiras para cuidar da família, acumulam trabalho invisível e, muitas vezes, chegam ao envelhecimento em situação econômica muito mais vulnerável do que os homens. Durante séculos fomos educadas para servir. Pouco se falava sobre autonomia, prazer, liberdade ou desejo feminino. Quase nunca fomos incentivadas a existir para além das necessidades dos outros. Ao mesmo tempo, nunca vi uma geração de mulheres tão disposta a romper esse ciclo. Hoje muitas escolhem não depender emocional nem financeiramente de relações afetivas. Questionam o casamento como destino obrigatório. Criam novas formas de família, de trabalho e de felicidade. Isso assusta estruturas tradicionais porque mulheres livres são muito mais difíceis de controlar. Para mim, liberdade e prazer não são luxos. São escolhas políticas. E talvez essa seja a maior revolução feminina do nosso tempo: descobrir que podemos escrever a própria história sem pedir autorização.

Que aprendizados se fazem presente na tua trajetória de atriz a cada sessão do texto?

Essa peça representa a síntese de 22 anos de carreira. Passei por companhias de teatro, grupos de pesquisa e pelo audiovisual. Fiz trabalhos muito importantes, mas durante muito tempo interpretei personagens que não escolhi. Em determinado momento senti necessidade de criar um projeto verdadeiramente autoral, um espetáculo que refletisse minhas inquietações e meu olhar sobre o mundo. Também queria escapar de um certo empobrecimento da representação feminina no audiovisual brasileiro. Muitas vezes as mulheres continuam sendo reduzidas a estereótipos: a mulher fútil, a prostituta, a esposa, a personagem cuja principal característica é a aparência física. Mulheres — inclusive mulheres brancas e loiras — são muito mais complexas do que isso. Hoje, além desse desafio artístico, enfrentamos outro: um mercado profundamente influenciado pela lógica das redes sociais. O valor de um artista passou, muitas vezes, a ser medido pelo alcance de seus conteúdos, e não pela qualidade de sua pesquisa ou de sua obra. É como imaginar que médicos ou advogados fossem avaliados apenas pelo número de seguidores, e não pela excelência do trabalho que realizam. Não sou contra as redes sociais. Pelo contrário. Elas aproximaram o teatro do público e transforma-

ram a divulgação dos espetáculos. Hoje conseguimos medir a procura antes mesmo da estreia. Mas acredito que a arte não pode ser governada pelo algoritmo

Como a arte deveria se posicionar?

A função da arte é provocar, emocionar, questionar, criar beleza e ampliar o imaginário. E o teatro continua sendo o espaço mais livre para isso. É um dos poucos lugares onde ainda compartilhamos uma experiência sem telas, ao vivo, irrepetível. Talvez por isso este espetáculo esteja em cartaz há dois anos e tenha espectadores que voltam quatro ou cinco vezes para revê-lo. Para mim, isso é muito mais significativo do que qualquer número de visualizações. É a confirmação de que a arte ainda é capaz de transformar quem a encontra.

Como se construiu sua trajetória artística até chegar a “Eu Matei Sherazade” e quais são os próximos passos do espetáculo?

Minha trajetória profissional começou há 22 anos, na Cia Amok Teatro, com “O Dibuk”, de Shalom An-Ski. Foi ali que aprendi uma forma de fazer teatro baseada na pesquisa, na escuta e no aprofundamento do processo criativo. Depois vieram espetáculos marcantes, como “Festa de Família”; “O Funeral”; “Os Sete Gatinhos”, em que interpretei Aurora; e “Cyrano de Bergerac”, no papel de Roxane, ao lado de Bruce Gomlevsky. Durante cerca de dez anos, eu trabalhei em repertório, vivendo a experiência rara de integrar um grupo que acreditava no tempo do ensaio e na construção coletiva da cena. Essa formação foi decisiva para a atriz que sou hoje. “Eu Matei Sherazade” representa a maturidade desse percurso: um trabalho autoral, em que posso reunir pesquisa, pensamento, atuação e posicionamento artístico. Em 2026 iniciaremos uma turnê pelo Circuito Sesc Pulsar, passando por cinco cidades do estado do Rio de Janeiro, além de apresentações no Centro Cultural do Poder Judiciário. Em 2027, levaremos o espetáculo para o estado de São Paulo, ampliando o diálogo com novos públicos.

SERVIÇO

EU MATEI SHERAZADE, CONFISSÕES DE UMA ÁRABE EM FÚRIA

Teatro Totalenergias (Rua do Russel, 804, Glória)
De 24 a 26/7, sexta e sábado (20h) e domingo (18h)
Ingressos: Plateia A - R\$ 90 e R\$ 45 (meia) | Plateia B - R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

CRÍTICA TEATRO | O BEIJO NO ASFALTO

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Verdade obstruída

E Nelson Rodrigues alude àquela origem do teatro, colocando o Rio de Janeiro como um novo lugar de base, atestando que o ser humano é uma criatura trágica por natureza, em qualquer tempo. O destino que não se escapa, surge como desejo ou paixão, como uma “hybris” contemporânea. Na tragédia grega, por obra do destino, Édipo assassina seu pai e casa-se com a própria mãe. Na tragédia de Nelson, Arandir, o protagonista, não consegue controlar seu impulso, motivado pela compaixão, beija um desconhecido e cria um destino tão funesto quanto ao de Édipo.

O autor transpõe a tragédia grega para a sociedade carioca do século XX, onde personagens descem do Olimpo e aterrorizam-nos. Há um movimento ondulatório, no qual a linguagem rodrigueana chafurda em lodo, cujas personagens obscuras debatem-se na fixação de interesses escusos. Obra robusta, parece esgotar as possibilidades conflitivas, reencontrando sempre uma pérola fabricada e um novo apocalipse produzido. Com experiência jornalística, concebe sua escrita sem clemência às suas criações, arquitetando situações violentas, num viés de perversão, deslanchando numa contemporaneidade expressionista.

O texto, aparentemente simples, é complexíssimo, tamanha a profundidade da temática, imbuída em conjunções metafísicas, nas quais é instalada uma relação paradoxal pungente: do popular ao transcendente, da abjeção à santidade, do mais bairrista ao mais universal, grandeza e miséria, vida e morte. Maldades, intrigas, poder, falta de ética, hipocrisia, crise familiar, onde sentimentos singelos e puros são transformados em fatal conspiração aniquiladora, evidenciando a questão da sexualidade, tabu na época - a homoafetividade - sob o olhar preconceituoso da sociedade. Ao ser amplamente divulgado pelos jornais, diante das certezas unânimes, toda uma comunidade passa a ter uma noção real de que aquilo literalmente existia, já que o incidente fora fotografado na praça da Bandeira, à luz do dia, na presença de transeuntes. Ao beijar o defunto, Arandir contagia-se com a morte, espalhando-a pelos próximos acontecimentos de sua existência. Personagens parecem coadunar para o assassinato do simplório bancário, em vida. Mesmo a esposa Selminha, recusa a beijar o marido

por carregar a saliva do atropelado. A personagem central coloca-se na galeria dos criminosos ao ser delicado e gentil, onde um pequeno gesto ganha asas, tornando-se um crime passionai. Há algo de mítico quando Cunha é informado que Amado Ribeiro encontra-se lá embaixo,

Eduardo Sterblich trafega no universo dramático de Arandir com sabedoria, na sua observação da natureza humana

como se a personagem demoníaca surgisse das profundezas do inferno. Ribeiro e Cunha manipulam,

de forma ardilosa e sensacionalista a farsa, pela qual Arandir paga caro.

Um dos grandes destaques da montagem, a direção equaliza o elenco, fundamenta marcas inventivas, propagando uma movimentação fluida e poderosamente teatral. Mantém atores no palco,

mesmo que personagens não estejam em cena, metaforizando a vida que não cessa. Abusa da cenografia, que lhe confere uma plasticidade prodigiosa, alternando imagens impactantes, como fotografias do casamento de Arandir e Selminha, numa alusão à modernidade do próprio teatro brasileiro na disruptiva “Vestido de Noiva”. Numa cena entre Selminha e Dália, um dos melhores desenhos, nivela seu cenário como um labirinto de emoções.

Comediante nato, Eduardo Sterblich trafega no universo dramático de Arandir com sabedoria, na sua observação da natureza humana, comandando chaves que grandes intérpretes dispõem. A Selminha de Luísa Arraes é convincente e emocionada. Nina Tomsic é surpresa: presença marcante, revela que o ofício lhe pertence. Edson Celulari, elegante, detém força e ótimo jogo com os demais. Outro destaque é a dupla André Mattos e Ernani Moraes, impagável, repleta de ferramentas, sem nenhum receio de compor suas personagens coléricas, enobrecendo a montagem, ancorada pelo enorme talento de seus intérpretes. Em breve aparição, Fernanda Dias e Vinícius Teixeira marcam eficiência, além de explorarem humor. Laura De Castro é segura e encanta-nos com seus dotes vocais. Pedro França, Alcides Peixe, Danilo Canindé, Guigamarate e Nigga completam o elenco.

Aurora dos Campos enriquece a encenação com estruturas que ora servem como muros para obstruir a verdade, ora servem como telas para difundir fake news. O figurino de Ronald Teixeira é sóbrio, remetendo à época. Renato Machado agiganta-se no gobo ao desenhar o cadáver no asfalto, nas sombras contornando personagens, nas luzes em resistência e no vermelhidão ilustrando o sangue derramado. Felipe Storino opta pela pungência da canção “De Frente pro Crime”, de Aldir Blanc e João Bosco. Tudo isso na oportuna idealização do criativo Rafael Raposo. Obra que permanece atual, possibilita que Marco André Nunes defenda sua autoria cênica aproximando “O Beijo no Asfalto” de todos nós!

SERVIÇO

O BEIJO NO ASFALTO

Teatro Glaucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº - Copacabana)

De 16/7 a 3/8, de quinta a segunda-feira (20h)

Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (meia)



Encontros musicais no cartão postal

Marina da Glória recebe o Enel Festival de Inverno em evento que reúne Titãs, Marina Lima, Criolo, Belo, Ludmilla, Nando Reis, Maria Gadú, Geraldo Azevedo, Chico César, IRA! e Se Jorge, entre outros



Chico César e Geraldo Azevedo

AFFONSO NUNES

A Marina da Glória se prepara para receber, a partir desta sexta (24), a segunda edição do Enel Festival de Inverno Rio. São seis noites de programação, espalhadas por dois fins de semana, com mais de 30 atrações que cruzam gerações, estilos e regiões do país. Idealizado e produzido pela PECK, o festival aposta em uma curadoria que vai do rock ao samba, do rap à MPB, do pop ao reggae — e, neste ano, chega com a promessa de ocupar um dos cartões postais mais emblemáticos da cidade.

O primeiro fim de semana abre nesta sexta (24) com um encontro de gerações da MPB: Geraldo Azevedo divide o palco com Chico César, enquanto Samuel Rosa e Negra Li se encontram ao lado de Nando Reis e Arnaldo Antunes — uma combinação que atravessa décadas de produção musical brasileira sem perder a coesão.

No sábado (25), o rock nacional ganha protagonismo com IRA!, Titãs, Capital Inicial e a formação atual do Charlie Brown Jr., com Thiago Castanho e Marcão Britto. O domingo (26) encerra a primeira etapa com Marina Lima, Maria Gadú e Ana Carolina — três vozes femininas que, cada uma a seu modo, ajudaram a redefinir a canção popular brasileira nas últimas décadas.

O IRA!, que apresenta o espetáculo “IRA! Acústico 20 Anos”, faz questão de desfazer qualquer ideia de que um show acústico seria ne-



Nando Reis e Arnaldo Antunes



José de Holanda/Divulgação



Marina Sampaio



Divulgação



Divulgação



Divulgação

Marina Lima, Ana Carolina e Maria Gadú

cessariamente contido. “Por mais que seja um show acústico, ele tem pegada e vibração. O público canta

praticamente todas as músicas. Tem alguns momentos mais intimistas, mas, no geral, é pauleira com violão”,

afirma o vocalista Nasi.

O segundo fim de semana começa na sexta (31) com um trio

de peso do pop e da música preta brasileira: Luísa Sonza, Ludmilla e Marina Sena. No sábado (1º), a programação gira para um espectro mais suave com Gilsons e Anavitória, antes de mergulhar no rap com BK.

No encerramento, no domingo (2), Belo encontra Gabi Melim, Criolo encontra Rael, e Seu Jorge encontra Marcelo D2 — encontros, promessa de encontros surpreendentes de troca entre vários estilos.

Seu Jorge, que vive um momento particularmente fértil com o álbum “Baile à la Baiana”, destaca a energia das canções mais recentes em meio ao repertório consolidado. “Atualmente, músicas como ‘Sábado à Noite’ e ‘Sim, Mas’ trazem uma energia muito forte para o show. Elas têm um balanço muito brasileiro e festivo. Claro que canções como ‘Burguesinha’ e ‘Carolina’ também criam momentos muito bonitos. É impressionante como atravessam gerações”, conta.

O Enel Festival de Inverno Rio não se limita à programação musical. A Marina da Glória será transformada em um circuito de experiências que inclui um Pavilhão de Experiências com ativações de marcas, áreas instagramáveis, lounges de descanso, guarda-volumes gratuito, pontos para recarga de celulares e uma praça de alimentação. A Arena FIR, setor principal do evento, oferece visão frontal para o palco e acesso facilitado aos bares e à área gastronômica — uma tentativa de organizar o fluxo do público sem sacrificar a circulação, que costuma ser um dos pontos críticos de festivais em espaços à beira-mar.

A aposta em uma experiência completa — que vai além do show e ocupa o território com ativações, descanso e alimentação — reflete uma tendência dos festivais brasileiros pós-pandemia: o público não quer apenas ver artistas; quer estar em um lugar que funcione como programa fechado para a noite inteira. A estrutura da Marina da Glória, com sua vista para o Pão de Açúcar e o espelho d’água da Baía de Guanabara, oferece um cenário que poucos espaços na cidade conseguem igualar.

Os ingressos seguem à venda pelo site e aplicativo da Bilheteria Digital, com valores a partir de R\$ 210, de acordo com o setor escolhido. A alta procura pelas noites mais concorridas já colocou alguns setores em reta final de vendas — sinal de que o festival, em sua segunda edição, parece ter encontrado seu público.

SERVIÇO

ENEL FESTIVAL DE INVERNO RIO 2026

Marina da Glória (Av. Infante Dom Henrique, s/nº, Glória) 24, 25, 26 e 31/7 e 1 e 2/8, a partir das 17h (sextas) e 15h (sábados e domingos) Ingressos a partir de R\$ 210, via Bilheteria Digital

Boca Livre abre neste sábado no Circo Voador turnê de lançamento de disco com canções de Edu Lobo

AFFONSO NUNES

Referência quando o assunto é conjunto vocal na música brasileira, o Boca Livre leva ao palco do Circo Voador neste sábado (25) as canções de “Boca canta Edu” (MPB/Som Livre), seu mais novo álbum. Com 11 faixas, o trabalho celebra o cancionero de Edu Lobo, um dos nossos mais completos compositores, que, de quebra, é o padrinho musical do quarteto e dividirá o palco com o Boca. Simplesmente um momento histórico.

A relação entre o grupo e o compositor vem de muito antes da formação do Boca Livre. Em 1967, dois de seus futuros integrantes — Maurício Maestro e David Tygel — integravam o Momento Quatro, grupo vocal que acompanhou Edu Lobo na histórica apresentação de “Ponteio” no III Festival da Música Popular Brasileira da TV Record. A canção, parceria com Capinan, saiu vencedora daquela edição e tornou-se um marco na carreira do compositor.

Anos depois, em 1975, Maurício Maestro trabalhou como arranjador e músico no disco “Limite das águas”, aprofundando ainda mais a parceria.

Quando o Boca Livre surgiu em 1978, com a chegada de Zé Renato e Cláudio Nucci ao lado de Maestro e Tygel, Edu Lobo foi o primeiro a reconhecer o valor do novo grupo. Naquele mesmo ano, ele gravava o álbum “Camaleão” e convidou o quarteto debutante para fazer os vocais em “Sanha na Mandinga”. O convite se estendeu aos shows de lançamento e a uma excursão pelo Nordeste através do Projeto Pixinguinha. Edu tornou-se, assim, padrinho do Boca Livre antes mesmo de o grupo lançar seu primeiro disco, em 1979.

“Já tem um tempo que estamos pensando em fazer homenagem a ele. Não só em retribuição ao que Edu nos proporcionou, mas pela importância dele. É um compositor maravilhoso, ele foi o nosso padrinho. É também o reconhecimento de um dos grandes nomes da música não só do Brasil, mas do planeta”, afirma Zé Renato.

O repertório do álbum percorre as diferentes fases da obra de Edu Lobo seguindo a ordem cronológi-

ca de seus principais parceiros: Vinícius de Moraes, Capinan, Ronaldo Bastos, Paulo César Pinheiro, Cacasó, Chico Buarque e Aldir Blanc. A seleção, segundo o grupo, nasceu de uma “memória afetiva” de décadas de convivência. Maurício Maestro, que assina os arranjos, recuperou canções com as quais trabalhou diretamente ao longo dos anos, como “Uma vez um caso” (do disco “Limite das águas”) e “Choro bandido” (do musical “O corsário do rei”). Outras faixas vieram naturalmente: “Candeias” e “Viola fora de moda”, por exemplo, o Boca Livre canta desde o primeiro show.

“Veneta” (parceria com Chico Buarque de 2001) sinaliza a intenção do grupo de trabalhar um re-

pertório que passa na tangente dos grandes sucessos do padrinho. O coco de embolada da trilha do musical “Cambaio”, foi gravado apenas com vozes — inicialmente a capella — e o pandeiro de Marcelo Costa.

“Arrastão”, o clássico que projetou Edu Lobo nacionalmente ao vencer o I Festival da Música Popular Brasileira em 1965 na voz de Elis Regina, quase ficou de fora. O compositor impôs uma condição quando o grupo foi à sua casa apresentar o repertório: nada de “Arrastão”. “Esta música nunca mais toquei, nunca mais gravei. Não quero ouvir esta música”, avisou. Foi preciso Maurício Maestro insistir, mostrar que seria uma versão completamente diferente, para convencê-lo. “Ele

ouviu e gostou do meu arranjo”, revela. A gravação final, com cordas orquestradas por Maestro, piano de João Carlos Coutinho e a voz discreta do próprio Edu, abre a tampa do disco e o resultado reflete a categoria vocal do Boca.

Produzido por João Viana, “Boca canta Edu” conta ainda com participações especiais: o MPB4 em “Ave Rara”, parceria de Edu com Aldir Blanc, retomando uma conexão iniciada há mais de quarenta anos; e a cantora Vanessa Moreno em “Corrida de jangada” (com Capinan), eleita por Edu como uma de suas intérpretes favoritas da atualidade. Destaque também para “Candeias”, única faixa em que Edu Lobo assina música e letra, numa gravação que

recupera a introdução original — aquela em que o autor recita “E caso ainda exista aquela rua, aquelazinha do sobrado em frente ao mar...” — suprimida em registros anteriores de intérpretes como Gal Costa.

A apresentação marca a estreia da turnê, que deve passar por São Paulo em setembro. “Nossa ideia é viajar com a participação dele”, adianta Zé Renato. Que bom!

SERVIÇO

BOCA LIVRE CONVIDA

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)
25/7, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos a partir de R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

Eles cantam o padrinho



Boca Livre gravou um álbum inteiro dedicado ao cancionero de seu padrinho Edu Lobo e abre turnê no Circo Voador

Ennio Morricone presente!

Trompetista italiano Nello Salza e orquestra revivem as trilhas icônicas do maior maestro do cinema no palco do Vivo Rio

A grandiosidade das trilhas sonoras criadas por Ennio Morricone (1928-2020) fazem parte da história do cinema com o mesmo peso das histórias apresentadas na telona ao grande público. A celebração desta obra especial, capaz de evocar maravilhosas lembranças, tem palco nesta sexta e sábado (24 e 25), no Vivo Rio, no concerto “Ennio Morricone by Nello Salza – Live in Rio de Janeiro” com o renomado trompetista italiano e orquestra em noites que unem emoção, excelência e a mais pura tradição italiana.

Reconhecido internacionalmente como “o trompete do cine-

ma italiano”, Salza é testemunha viva da história da música para cinema, tendo colaborado diretamente com o maestro Ennio Morricone em mais de 250 trilhas sonoras.

O público terá a oportunidade de ouvir, de quem as executou originalmente, as melodias que marcaram gerações em obras como “A Vida é Bela” (vencedora do Oscar em 1999) e “Os Oito Odiados” (premiada com o Oscar e o Globo de Ouro em 2016). Salza, que é considerado um dos intérpretes mais prestigiados da Europa, foi também o convidado especial do Festival de Sanremo em 2021 para a homenagem oficial ao maestro.

A condução do espetáculo ficará a cargo do maestro Giovanni

Panella, à frente da Orquestra da Fundação Prometheus. Com uma carreira sólida e passagens por palcos emblemáticos como o Teatro Colón de Buenos Aires, Panella é conhecido pelo seu rigor técnico e sensibilidade interpretativa. Formado nos conservatórios de Frosinone e Nápoles, o maestro atualmente lidera a Camerata UANDES, no Chile, e traz sua experiência internacional para garantir a grandeza musical que a obra de Morricone exige.

O projeto é impulsionado por Augusto Bovio, presidente da Fundação Prometheus, cuja visão busca expandir o alcance da música clássica para novos públicos em grandes teatros do continente.

SERVIÇO
ENNIO MORRICONE BY NELLO SALZA
Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 – Parque do Flamengo)
24 e 25/7, às 21h
Ingressos A partir de R\$ 230 e R\$ 115 (meia)



Colaborador de Ennio Morricone, Nello Salza mantém viva a obra e memória do grande maestro

ROTEIRO MUSICAL

POR **AFFONSO NUNES**

Nilze Carvalho faz aniversário no Blue Note

A cantora e instrumentista Nilze Carvalho celebra seu aniversário neste sábado (25) com show no Blue Note Rio, às 20h. O espetáculo mantém a tradição da artista de comemorar a data junto ao público. O repertório inclui canções como “Acreditar” (Dona Ivone Lara e Dêlcio Carvalho) e “Brasileirinho” (Waldir Azevedo). Para Nilze, estar no palco e cantar parabéns com a plateia é seu melhor presente de aniversário.



Divulgação

Yunk Vino abre turnê no Circo Voador

Yunk Vino abre nesta sexta (24), no Circo Voador, no Rio de Janeiro, a turnê de seu primeiro álbum de estúdio, “Mr.”. Lançado em março pela Labbel Records, selo da Boogie Naípe, o disco reúne 19 faixas e ultrapassou 10 milhões de reproduções nas plataformas digitais em apenas um mês, após cerca de dois anos de desenvolvimento. O show de lançamento traz participações de Duquesa, Wiu, Borges, Vulgo Fk e Yrpedro.



Divulgação

O romantismo de Kátia de volta em novo show

Kátia apresenta o show “Romântica E Tal” nesta sexta (24), às 19h, no Teatro Rival Petrópolis. A cantora e compositora celebra 45 anos de carreira com sucessos como “Lembranças”, “Cedo Pra Mim”, “Qualquer Jeito” e “Jogo Marcado”. O repertório traz homenagem a Roberto Carlos, seu padrinho musical, e músicas que Kátia compôs, gravadas por Fábio Jr., Joanna, Gilliard, Rosemary e Mauricio & Mauri.



Divulgação

Tesouros instrumentais no Espaço BNDES

Os músicos Nailor Proveta e Toninho Ferragutti apresentam o show “Espelho Do Som” no dia 24 de julho, às 19h, pela série Sextas Instrumentais do Espaço BNDES. Inspirado no álbum homônimo de 2021, o espetáculo combina composições autorais e homenagens às raízes musicais dos artistas, com destaque para a influência de seus pais.



Divulgação

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

SETE CABEÇAS

✳A banda liderada por Charles Gavin (ex-baterista dos Titãs) e Luiz Brasil toca o repertório de álbuns acústicos emblemáticos da MTV, como os de Cássia, Rita Lee e Titãs. Sáb (25), às 21h. Manouche (Rua Jardim Botânico, 983). R\$ 160 e R\$ 80 (meia e ingresso solidário, com doação de 1kg de alimento não-perecível para doação)

FRANCISCO GIL

✳O instrumentista mexicano convida o público a descobrir a extraordinária beleza sonora do alaúde através de obras de Johann Sebastian Bach e Silvius Leopold Weiss, dois dos maiores expoentes da música barroca. ompletam o repertório peças anônimas do século 18. Dom (26), às 11h. Centro da Música Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824 - Tijuca). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)
✳ Dom (26), às 11h. Centro da Música Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824 - Tijuca). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

PEDRO QUENTAL

✳No projeto “Pedro Quental & Carioca Soul”, o cantor revela sua alma carioca e malemolência, colocando sua voz poderosa num show com samba-rock, samba-funk, charme, groove e soul. Sáb (25), às 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

CASUARINA

✳Um dos nome por trás da revitalização do samba na Lapa se apresenta em seu habitat com pérolas do Gênero. Sáb (25), a partir das 22h40. Beco do Rato (Rua Joaquim Silva, 11 - Lapa). R\$ 35

YUMI PARK

✳A cantora sul-coreana radcada no Rio traz convidados com formações diferentes a cada domingo para confraternizar musicalmente e explorar a música instrumental brasileira. Dom (26), às 20h. Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 70

PATA SÖLA E LAUTREAMONTS

✳Misturando ritmos, experimentação e profundidade sonora, as duas bandas se apresentam criando um diálogo entre som e matéria. Sex (24), às 20h. Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55 – Botafogo). R\$ 35 e R\$ 25 (antecipado)



Divulgação

Comunicado a Uma Academia



Nil Canine/Divulgação

Pra Te Ver Feliz



Ana Alexandrina/Divulgação

Margaridas

TEATRO

WICKED, A HISTÓRIA NÃO CONTADA DAS BRUXAS DE OZ

✳O musical revela a história não contada das bruxas de Oz, muito antes da Dorothy chegar ao mundo governado pelo poderoso Mágico. Até 6/9, qua a sex (20h), sáb (15h e 19h30) e dom (14h e 18h30). Cidade das Artes Bibi Ferreira (Av. das Américas, 5300). Entre R\$ 25 e R\$ 400

MARGARIDAS

✳Cinco mulheres estão numa sala de aula. Cada uma acredita ser a única professora ali e as outras, obviamente, seriam alunas. O conflito dessa confusão é o ponto de partida do espetáculo. Até 2/8, qui e sex (19h), sáb e dom (17h). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 40, R\$ 28 (sócio Sesc) e R\$ 20 (meia)

ESPELHO MÁGICO

✳Musical com Marcos Veras e Eliane Giardini sobre os 60 anos da TV Globo e seus personagens mais emblemáticos. Até 26/7, qui e sex (20h), sáb (16h e 20h) e dom (15h). Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38). Entre R\$ 50 e R\$ 180

DOCE ÁRIDO

✳O espetáculo leva ao palco a fragilidade das relações familiares no interior. Até 9/8, qui a sáb (20h). Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

ABSOLVIÇÃO

✳Monólogo com Andriu Freitas apresenta os dilemas de homem que faz suas próprias leis ao executar abusadores. Até 26/8, ter e qua (20h). Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104). R\$ 80 e R\$ 40 (meia).

AGAR

✳A história de resiliência da matriarca do povo árabe. Até 26/7, qui e sex (20h30), sáb e dom (19h). Teatro Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R\$ 40, R\$ 36 (conveniados), R\$ 28 (sócio Sesc), R\$ 20 (meia) e grátis (PCG)

COMO NÃO POSSO SER MONTGOMERY CLIFT?

✳Solo com atuação de Gustavo Gasparani sobre a trágica jornada do astro hollywoodiano. Até 26/7, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

POEMAS

✳Neste texto de Gabriel Chalita as delícias do mundo são motor da criação. Até 26/7. Teatro Fashion Mall (Estr. da Gávea, 899). A partir de R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

APOCALIP-SE

✳Espectáculo investiga o isolamento pós-pandemia. Até 30/8, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua S. João Batista, 98). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

PRA TE VER FELIZ

✳Com texto e direção de João Batista, a peça é o segundo trabalho da trilogia “Dá Samba”. Até 9/8, qui e sex (19h), sáb e dom (17h). Teatro Sesc Ginástico (Av. Graça Aranha, 187). R\$ 60, R\$ 30 (meia); R\$ 15 (sócio Sesc) e grátis (PCG)

A VIDA PASSOU POR AQUI

✳Professora aposentada com Alzheimer recebe visita de um velho amigo que reaviva suas memórias. Até 30/8, sex (20h), sáb (18h) e dom (19h). Teatro Fashion Mall (Estr. da Gávea, 899 - loja 213). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Sete Cabeças

COMUNICADO A UMA ACADEMIA

✳ Livre adaptação do conto homônimo de Franz Kafka reúne teatro, cinema e circo em performance solo arrebatadora de Patricia Niedermeier. Até 29/8, sáb (19h). Sede da Intrépida Trupe (Rua dos Arcos, 24, Centro - Fundação Progresso). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

O BEIJO NO ASFALTO

✳ Montagem do clássico de Nelson Rodrigues nos mostra que as fake news não são novidade e já podiam arruinar a vida de alguém há décadas. Com direção de Marco André Nunes e elenco lido por Eduardo Sterblitch, Luísa Arraes e Edson Celulari. Até 3/8, qui a seg (20h). Teatro Glaucio Gill (Praça Cardinal Arcoverde, s/nº - Copacabana). R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

O PASSADO TEM SEMPRE RAZÃO

✳ Bruce Gornsky encarna o pai da dramaturgia moderna brasileira em nova temporada do monólogo dirigido por Carlos Jardim e construído a partir de falas de Nelson. Até 30/8, sáb e dom (20h). Teatro das Artes (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 2º piso). R\$ 120 (inteira) e R\$ 60 (meia)

É O FIM LTDA.

✳ Comédia musical traz uma reflexão bem humorada sobre a finitude. Até 16/8, qui a sáb (19h) e dom (18h). Teatro II do Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539). R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 21 (sócio Sesc), R\$ 27 (convênios) e grátis (PCG)



Como Não Posso Ser Montgomery Clift?

EXPOSIÇÃO

OCUPAÇÃO GRANDE OTHELO

✳ Mostra reúne acervo relacionado ao ator que abriu caminhos para gerações de artistas negros. Até 30/9, seg a sex (10h às 16h). CEDOC Funarte (Praça da República, 26 - Centro). Grátis

SALVÍFICOS MOVIMENTOS

✳ Instalação interativa que combina arte, tecnologia e memória afrodiaspórica. Até 23/8, ter a sáb (9h às 16h). Sesc Duque de Caxias (Rua General Argolo, nº 47 - Jardim 25 de Agosto). Grátis

HISTÓRIAS QUE A ARTE CONTA

✳ Exposição de obras do acervo do MNBA, inspiradas no podcast homônimo. Até 7/8, seg a sex (13h às 17h). Museu Nacional de Belas Artes (Av. Rio Branco, 199). Grátis

OS DOIS LADOS DA JANELA

✳ Exponente da Geração 80, o artista plástico Daniel Senise abre os segredos de seu ateliê e revela nesta exposição trabalhos com os quais experimenta suas técnicas. Até 6/9, ter a dom (12h às 18h). Paço Imperial (Praça Quinze, 48). Grátis

ZONA DE SACRIFÍCIO

✳ Fotografia de Isis Medeiros expõe os rastros da mineração de lítio no Vale do Jequitinhonha (MG) e suas consequências para a população local. Até 1/11, de ter a sex (10h às 18h), sáb, dom e fer (11h às 17h). Galeria Mestre Vitalino (Rua do Catete, 179). Grátis

VIK MUNIZ - A OLHO NU

✳ Conhecido mundialmente por criar imagens impressionantes usando toda sorte de materiais inusitados, tais como açúcar,



Divulgação

Francisco Gil

lixo, chocolate e confetes, o artista paulistano radicado nos EUA recebe a maior retrospectiva de sua carreira marcada por conceitos de sustentabilidade. Até 7/9, qua a seg (9h às 20h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

INFANTIL

PIQUENIQUE

✳ Jovem viaja com seus deliciosos quitutes e uma missão: enfrentar um tirano dono de uma fábrica de canhões. Até 26/7, sáb e dom (11h30). Teatro Petrobras Futuros - Arte e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63 - Flamen- go). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

O QUE A LUZ MOSTRA

✳ Laboratório oferece experiência com a cianotipia, técnica fotográfica que utiliza a luz para imprimir imagens. Sáb, dom e fer (às 14h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

LUIZ E NAZINHA - LUIZ GONZAGA PARA CRIANÇAS

✳ Elegia ao Rei do Baião a partir de sua infância. Até 25/7, sáb e dom (16h). Teatro I Love PRIO (Jockey Club Brasileiro - Av. Bartolomeu Mitre, 1.110 - Leblon). R\$ 90 e R\$ 45 (meia)

ERA UMA VEZ UM TIRANO

✳ Três crianças armadas de imaginação enfrentam um tirano para devolver cores a um país entristecido. Até 26/7, sáb e dom (15h). Centro Cultural da Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241 — Centro). R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

A LENDA DA NOITE

✳ Nesta narrativa oriunda da tradição indígena amazônica: jovens guerreiros partem em busca da noite guardada no

fundo do rio por um ser encantado. Sáb e fer (15h e 17h). Dom (11h, 15h e 17h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

OFICINAS CLUBINHO WEST

✳ O Clubinho West preparou uma programação especial com oficinas gratuitas e interativas para estimular a criatividade das crianças nas férias escolares. West Shopping (Estrada do Mendanha, 555, Campo Grande). Grátis

HISTÓRIAS DA MINHA TERRA

✳ Contação de histórias sobre a chegada das primeiras famílias migrantes à região de Canaã dos Carajás (PA). Sáb e fer (15h e 17h). Dom (11h, 15h e 17h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

PEQUENÍSSIMAS MÃOS

✳ Projeção de imagens, música, contação de histórias e máscaras nesta atividade que apresenta os animais da fauna brasileira desenhados nas nossas notas de dinheiro. Dom (13h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

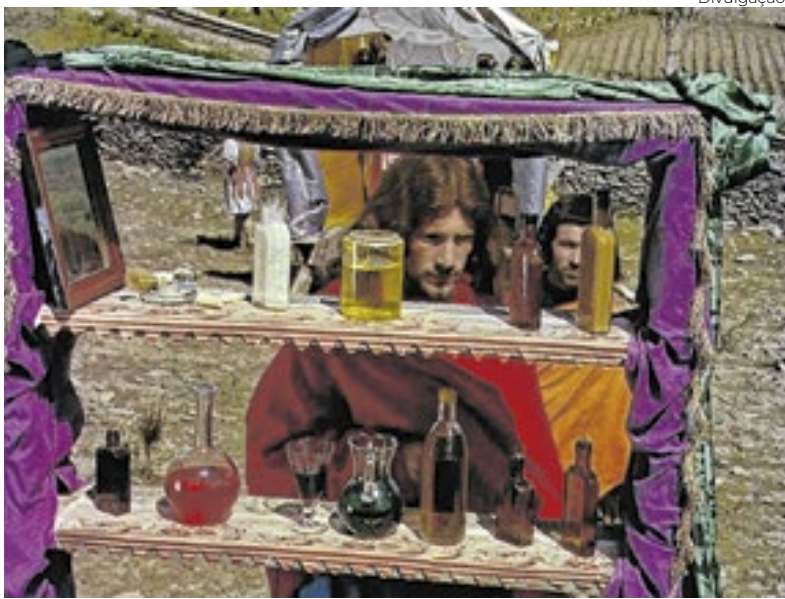
LIVRO VIVO

✳ Atividade de mediação de leitura que compartilha a experiência de ler um livro inspirada nas exposições em cartaz e ações de patrimônio do CCBB RJ. Dom (16h). CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

CINEMA

CINECLUBE MACUNAÍMA

✳ Projeção inaugural com "Alberto Dines - Vínculos de Liberdade". Sex (24), às 18h. Auditório da ABI (Rua Araújo Porto Alegre, 71, 9º andar - Centro). Grátis



Divulgação



Divulgação

'Acto da Primavera' (1963) é um marco das representações da vida do Cristo, sem subserviência à fé; 'Aniki-Bóbó', de 1942, ganha as telas do MAM nesta sexta

Serenamente

Manoel de Oliveira,

o eterno

Cinemateca do MAM revisita parte da filmografia do artesão autoral considerado o maior patrimônio audiovisual do povo português, que viveu 106 anos e estreou nas telas em 1931



Mostra de SP

Manoel de Oliveira em sua passagem por São Paulo em 2004

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Numa carta enviada de Portugal ao Correio da Manhã, em reação a uma crítica do jornal a seu “O Quinto Império - Ontem Como Hoje” (2004), o realizador Manoel de Oliveira (1908-2015) fazia considerações sobre nossa literatura, demonstrando curiosidade acerca do romance “O Coronel e o Lobisomem”, a que acabara de ser apresentado. Antes de se despedir e assinar a missiva, escrita à mão, escreveu: “Quando se fala em direção,

eu só tenho plena certeza de saber dirigir carros, pois fui um bom piloto quando moço, inclusive passei pelo circuito da Gávea, que existia aí entre vocês, mas, sobre cinema, sigo de ventura em ventura”. Neste fim de semana, a Cinemateca do Museu de Arte Moderna vai desafiar essa consideração feita pelo diretor lusitano, equiparado a Ingmar Bergman (1918-2007) e Luis Buñuel (1900-1983) pela potência de suas imagens em fricção com as inquietações existenciais nossas de cada dia. Até domingo, o MAM revisita marcos da obra de um cineasta que viveu 106 anos e dedicou-se ao audiovisual por quase nove décadas, a partir de sua estreia com “Douro,

Faina Fluvial” (1931) – que passa nesta sexta, às 18h30.

É uma retrospectiva breve, mas imperdível, que começou na quinta com “Francisca” (1981) e projeta em tela grande produções que raramente têm vez no Rio, onde os longas-metragens de Oliveira eram lançados com legendas para evitar incompreensões acerca do falar de nossos patrícios. Entre as joias da curadoria, destaca-se “Acto da Primavera” (1963), que desafia todas as convenções da forma como o cinema falou de Jesus Cristo, ao retratar a encenação de um auto da Paixão. Passa no sábado, às 17h50.

Incluído dez vezes na lista dos Dez Mais da revista “Cahiers du

PROGRAMAÇÃO

24/7, 18h30

“Douro, Faina Fluvial” (1931, 19') + “Famalicão” (1941, 24') + “Aniki Bóbó” (1942, 71')

25/7, 16h

“O Pão” (1959, 60') + “O Pintor e a Cidade” (1956, 27') | 17h50 – “Acto da Primavera” (1963, 89') + “A Caça” (1964, 21')

26/7, 15h40

“O Passado e o Presente” (1972, 115') | 18h – “Benilde ou a Virgem Mãe” (1975, 112').

Cinéma”, Manoel visitou o Brasil em 2004, quando participou da Mostra de São Paulo. Chegou no mesmo dia em que o evento recebeu outros dois mestres da realização: o iraniano Abbas Kiarostami (1940-2016) e o israelense Amos Gitai. “São grandes esses dois colegas”, disse o português, num ano em que recebeu o Leão de Ouro Honorário do Festival de Veneza pelo conjunto de sua filmografia.

“Conheci Manoel de Oliveira — ou, para ser mais rigoroso, falei directamente com ele — em 2008, no Festival de Cannes. Nesse ano, o mestre português, então com 99 anos, recebeu uma Palma de Ouro honorária pelo conjunto da obra,

numa sessão de gala que terminou com a apresentação da versão restaurada de ‘Douro, Faina Fluvial’, o seu primeiro filme, realizado em 1931”, lembra o crítico, fotógrafo e cineasta português José Vieira Mendes, articulista das revistas “Visão” e “Metrópolis”. “Por uma dessas coincidências que só parecem possíveis em Cannes, assisti à cerimónia com Clint Eastwood e Sean Penn ali por perto. Mas o momento verdadeiramente inesquecível aconteceu mais tarde, longe do palco e das luzes do Grand Théâtre Lumière. Nessa mesma noite, por volta da meia-noite, passeava com um amigo pela Croisette, ainda cheia de gente, quando, junto ao Hotel Majestic, vimos Manoel de Oliveira avançar sozinho apressadamente por entre a multidão. Ia de chapéu de aba e levava na mão aquela bengala-bastão aristocrática, mais para se sentir seguro — e talvez para compor a personagem — do que por verdadeira necessidade de apoio. Parei, apresentei-me e perguntei-lhe, com o devido respeito, o que fazia àquela hora no meio de toda aquela confusão. Oliveira respondeu-me, com a sua serenidade imperturbável: — Estou a desentorpecer as pernas e a fazer a digestão do jantar. Ele estava hospedado no Majestic. Tirei uma fotografia com ele e seguimos cada um o seu caminho. Foi um encontro breve, quase absurdo na sua simplicidade, mas absolutamente inesquecível. Um daqueles momentos que guardarei para sempre entre as muitas histórias acumuladas ao longo de quase trinta anos de festivais de cinema. Porque às vezes conhecemos os grandes mestres numa sala de gala. Outras vezes, encontramos-os à meia-noite na Croisette, simplesmente a fazer a digestão”.

Questionado sobre a finitude — tema recorrente em sua arte — o diretor de obras-primas como “Vale Abraão” (1993) e “O Estranho Caso de Angélica” (2010), dizia: “Morrer é uma condição. Desde que nascemos, só existe uma certeza: a morte. Não tenho medo dela. Só tenho medo da dor.” Despediu-se dos longas com “O Gebo e a Sombra” (2012) rodou mais três curtas e serenou em 2 de abril de 2015, elegendo-se para a Eternidade na saudade da gente.

Iguaria ítalo-brasileira nas presas do Leão de Ouro

‘Retorno a Buenos Aires’, que foi filmado em Porto Alegre pelo ítalo-chileno Marco Bechis com elenco e equipe do Brasil, entra na disputa de Veneza, ao lado de medalhões autorais

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Dois anos depois de servir como tram-polim internacional para “Ainda Estou Aqui” (que nos deu o Oscar), o Festival de Veneza volta a acolher as múltiplas destrezas do cinema brasileiro em sua competição oficial, mas numa coprodução com a Itália, com foco na Argentina. “Retorno a Buenos Aires”, novo longa do chileno (de ascendência italiana) Marco Bechis (“Terra Vermelha”) concorre ao Leão de Ouro na 83ª edição do evento, agendado de 2 a 12 de setembro, com a atriz e diretora Maggie Gyllenhaal como presidente do júri.

Estrelado pelo italiano Adriano Giannini, o filme reúne Paula Cohen e Eduardo Hoy, do Brasil, em papéis de destaque, além das atrizes argentinas Ana Celentano, Vero Gerez e Olivia Nuss. Com três meses de pré-produção e quatro semanas de filmagens em território nacional, realizadas em Porto Alegre, fora outras três semanas em Turim, a fita consolida a atuação internacional da produtora brasiliense 34 Filmes e a parceria com o cineasta paulista André Ristum (de “Meu País”), que já colaborou em diversos projetos anteriores.

Em “Retorno a Buenos Aires”, o personagem central, Mariano Guerra (Giannini), é chamado a retornar



Divulgação



Paula Cohen é uma das estrelas brasileiras em ‘Retorno a Buenos Aires’, de Marco Bechis

‘Primetime’ pode render o troféu Copa Volpi para o astro britânico Robert Pattinson

OS CONCORRENTES AO LEÃO DE OURO

- | | |
|--|--|
| # “Ink” — Danny Boyle (filme de abertura) | # “Look Back” — Hirokazu Kore-eda |
| # “Company” — Casey Affleck | # “Possible Love” — Lee Chang-dong |
| # “A Bit of Light” — Ali Asgari | # “Wild Horse Nine” — Martin McDonagh |
| # “Retorno a Buenos Aires” — Marco Bechis | # “Succederà Questa Notte” — Nanni Moretti |
| # “A Good Little Soldier” — Stéphane Brizé | # “Primetime” — Lance Oppenheim |
| # “Il Fuoco Che Tí Porti Dentro” — Edoardo De Angelis | # “The Echo Chamber” — Andrea Pallaoro |
| # “Woman Unknown” — May el-Toukhy | # “A Bit Before Midnight” — Nicolas Pariser |
| # “Bucking Fastard” — Werner Herzog | # “L’Estranea” — Paolo Strippoli |
| # “15/18 (A Place to Heal)” — Cédric Kahn | # “Mr. Nelson, Did You Kill People?” — Shinya Tsukamoto |
| # “DAU” — Ilya Khrzhanovsky | # “Bunker” — Florian Zeller |

à Argentina para testemunhar no julgamento dos militares que o sequestraram e torturaram durante a ditadura militar — a mesma que, em 1978, organizou a Copa do

Mundo de Futebol enquanto o país vivia sob uma repressão clandestina. A história dialoga diretamente com a trajetória do próprio Bechis, que foi preso político durante a dita-

dura argentina, vivência que marca sua filmografia e confere ao longa um caráter testemunhal. O encerramento das filmagens coincidiu simbolicamente com os 50 anos do início da ditadura na Argentina, em março de 1976, reforçando a atualidade da reflexão proposta pelo filme sobre memória, justiça e sobrevivência. A produção teve participação destacada de técnicos brasileiros, entre os quais a direção de arte de Eduardo Antunes, a produção de elenco de Alessandra Tosi, o figurino de Coca Serpa, a produção executiva de Ristum e Patrick de Jongh e o trabalho do line producer Beto Rodrigues.

No início desta semana, o Brasil já havia emplacado um outro longa em Veneza, mas na seção Semana da Crítica: “London”, escrito e dirigido por Victor Di Marco e Márcio Picoli. Seu roteiro fala de um jovem com deficiência que ganha a vida fazendo performances eróticas em uma casa de fetiches. Na mostra Spotlight, a RT Features, de Rodrigo Teixeira, aparece com “Furies”, de Rami Kodeih, rodado no Líbano.



Cartaz oficial do evento italiano

Para além de suas iguarias sul-americanas, o Lido receberá novos trabalhos de mestres da imagem como Werner Herzog, Hirokazu Koreeda, e Lee Chang-dong, numa seleção em que predominam produções independentes, ainda que estreladas por grandes nomes de Hollywood. A abertura da disputa pelo felino dourado deste ano ficará a cargo de “Ink”, de Danny Boyle.

Entre os favoritos desponta “Wild Horse Nine”, de Martin McDonagh, cineasta que retorna a Veneza após lançar no festival “Três Anúncios para um Crime” e “Os Banshees de Inisherin”. A comédia dramática acompanha agentes da CIA enviados à Ilha de Páscoa pouco antes do golpe militar chileno de 1973 e reúne John Malkovich, Sam Rockwell, Steve Buscemi, Tom Waits e Parker Posey. Outro título cercado de expectativa é “Bunker”, de Florian Zeller. Depois de “The Son”, o dramaturgo e cineasta francês dirige Javier Bardem e Penélope Cruz num thriller psicológico sobre um misterioso abrigo subterrâneo construído por ordem de um magnata da tecnologia. Muito se espera do documentarista Lance Oppenheim em sua estreia na ficção com “Primetime”, protagonizado por Robert Pattinson. O vilão de “A Odisseia” vive um jornalista que se embrenha no submundo do crime para expor um predador sexual, num ato de coragem que gerou uma transformação na abordagem da pedofilia na televisão americana.

Um dos mais festejados concorrentes dessa leva é Nanni Moretti, que rompeu laços com Veneza nos anos 1980 e volta agora com apresenta “Succederà Questa Notte”.

Fora da competição, destacam-se “Father Joe”, thriller escrito por Luc Besson e estrelado por Kiefer Sutherland e Al Pacino; “The Basics of Philosophy”, drama existencial de Paul Schrader; “Place to Be”, de Kornél Mundruczó; “Arrested Memory”, do japonês Sabu; além de “No Paradise if You Are Killed by a Woman”, do curdo Halkawat Mustafa. O encerramento da mostra ficará com “Dio Ride”, de Giovanni Veronesi.

Além de Gyllenhaal, o time de juradas e jurados terá o diretor Johnnie To, a cineasta Kaouther Ben Hania, a afegã Shahrbanoo Sadat, o francês Xavier Giannoli, o compositor Daniel Blumberg e o pesquisador Francesco Casetti. George Clooney e Ellen Burstyn receberão o Leão de Ouro pelo conjunto da carreira.

Tempo de cair na real

Narrativas de não ficção movimentam mostras, ocupam o circuito comercial e resgatam o Cineclube Macunaíma num flerte da cinefilia carioca com a poesia do documentário nacional

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A chegada ao circuito comercial de “Ecos do Teatro Experimental do Negro”, de Daniel Solá Santiago, programado para Cinesystem Belas Artes, amplia o espaço da não ficção em nossas telas, que receberão na semana que vem o multipremiado “A Fabulosa Máquina do Tempo”, de Eliza Capai, coroado com loas na Berlinale. Estamos com “Toquinho – Encontros e um Violão”, “Alma Negra – Do Quilombo ao Baile”, “A Noite de Alaíde” e (o genial) “Anatomia do Caos” em diferentes cantos da cidade.

Mas as vitrines da não ficção se espalham por outras latitudes, entre

elas o auditório do nono andar do edifício da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Centro), que projeta, nesta sexta, às 18h, “Alberto Dines: Vínculos da Liberdade”. O longa mais recente de Ugo Giorgetti será projetado no regresso do Cineclube Macunaíma, patrimônio da cultura carioca que retorna ao berço onde surgiu em 1973.

Neste dia 24 de julho, começa a segunda edição do FID:RIO - Festival Internacional de Artes e Cinema de Não Ficção do Rio de Janeiro, que ocupa sete espaços culturais de nossa geografia com uma programação que reúne cinema, teatro, música e artes visuais. A pepita deste fim de semana é a sessão de “Explode São Paulo, Gil”, de Maria Clara Escobar, no domingo, às 16h, no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). Sua protagonista,



O aclamado ‘Explode São Paulo, Gil’ passa no domingo no Rio, no CCJF



Imortal da ABL e artesão autoral do cinema, Cacá Diegues tem seu legado revisitado em ‘Para Vigo Me Voy’, que passa no CCBB



‘Alberto Dines – Vínculos de Liberdade’ marca a reinauguração do Cineclube Macunaíma da ABI

E, nas praias da ficção, chega o Redentor de 2025

Em meio a uma micareta documental em nossos cinemas, “Pequenas Criaturas”, o vencedor do troféu Redentor de Melhor Filme (de ficção) do Festival do Rio 2025, estreia entre nós, enfim. O delicado inventário de cicatrizes dirigido por Anne Pinheiro Guimarães, conta com uma atuação em modo “vísceras à mostra” de Carolina Dieckmann.

Ela está à frente do longa no papel de uma figura, Helena, de quem a vida resolveu tirar tudo... ainda que em penosas prestações. Um alívio (talvez) amoroso lhe chega

na figura de Caco Ciocler, numa atuação daquelas de se aplaudir de pé. Fora isso, tem Fernando Eiras, o titã habitual do cinema de Júlio Bressane... e de palcos cariocas, reafirmando sua alta voltagem dramática, assim como Letícia Sabatella, que abrilhanta nossas telonas bem menos do que a gente precisa. Essa trupe em estado de graça, enquadrada meticulosamente pelo diretor de fotografia Pablo Baião, fez com que Anne amolecasse corações em latitudes escandinavas, em janeiro, no Festival de Gotemburgo, na Suécia.



Carolina Dieckman e Caco Ciocler: exuberantes em ‘Pequenas Criaturas’

Concorreu lá numa seção que leva o nome daquele que foi o mestre supremo da realização: Ingmar Bergman.

“Acho que a Brasília do filme se mostra universal no que ela é cenário de uma história universal - uma história de afetos e encontros de personagens solitários com sede de conexão”, adianta Anne, contextualizando, a cidade que lhe serve de

arena para a trama, ambientada em 1986.

A direção de arte de Claudia Andrade, premiada no Festival do Rio, pavimenta a beleza (mas também a solidão) da capital do país revisitada nessa produção da Bananeira Filmes, de Vânia Cattani. Logo após redemocratização, depois do movimento Diretas Já!, no desfecho do regime militar, He-

Gil sempre quis ser cantora. Mudou-se para Essepê com sua esposa quando tinha 20 anos para realizar esse sonho. Trabalha desde então como faxineira. Maria Clara lhe propõe fazer um filme. Gil se torna famosa, elas explodem duas cidades e refletem sobre sonhos, trabalho e esquecimento.

No CCBB Rio está rolando a mostra Premiados do XXI Panorama Internacional Coisa de Cinema, com joias exibidas antes na Bahia. Nesta sexta, já às 13h30, tem “A Cachoeira”, de Rayssa Coelho e Filipe Gama, e “O Que Você É Sai por Todos os Lados”, de Larissa Lacerda, seguido de “As Travessias de Letieres Leite”, de Iris de Oliveira e Day Sena, às 15h30, desta tarde. No sábado, às 15h40, rola o imperdível “Perequete”, de Bertrand Lira. Às 17h50, a pedida do sábado, com o carimbo do Festival de Cannes, é “Para Vigo Me Voy!”, de Lício Ferreira e Karen Harley, que revive as lutas estéticas e políticas de Cacá Diegues (194902-25). No domingo, o CCBB, às 17h30, vai de “Bregueragem”, de Daniel Arcades, e de “Anti-Heróis do Udigrudi Baiano”, de Henrique Dantas.

Divulgação

A poesia que não pede licença

Na 24ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty, Orides Fontela, a poeta paulista de cinco livros e vida difícil ganha a consagração que a crítica lhe prometia desde os anos 1960



Marília Garcia apresenta ao público poema de Orides encontrado em arquivos da PUC-Rio



Orides Fontela (1940-1998) escreveu pouco mais de 200 poemas em cinco livros e, com eles, construiu uma das obras mais densas da poesia brasileira do século XX. Na noite de quarta-feira, 22 de julho, a 24ª Flip abriu seus trabalhos em Paraty com a mesa “Entra Furtivamente a Luz”, título roubado de um de seus versos. — e que poderia servir de epígrafe para toda a sua trajetória conturbada.

A escolha da autora como homenageada da Flip 2026 é um ato de justiça poética. Nascida em São João da Boa Vista (SP), filha de um marceneiro e de uma dona de casa, Orides foi professora primária antes de ser descoberta pelo crítico Davi Arrigucci Jr. ainda nos anos 1960. Foi Arrigucci quem apresentou seus poemas a Antonio Candido, que ao lê-los exclamou: “Temos aqui poesia e uma poeta”. Candido, um dos maiores críticos literários do país, passou a chamá-la de “nossa Rimbaud” — comparação que diz menos sobre a vida



Orides Fontela, autora de estética radical, foi deixada de lado pelo mercado por décadas

atribulada de Orides e mais sobre a capacidade de sua poesia de iluminar o real com uma intensidade que parece vir de outro lugar.

A mesa de abertura, com o crítico Augusto Massi e a poeta Marília Garcia, foi um exercício de escuta atenta. Massi, que foi amigo

“Orides contribuiu para que as poetisas subsequentes pudessem escrever sobre qualquer assunto e da forma que preferissem”

RITA PALMEIRA

e editor de Orides, lembrou que o gosto da poeta era “por uma poesia visual e plástica” — e que sua concisão não era pobreza, e sim uma escolha estética radical. Sua poética criou imagens que perfuram o leitor e permanecem. “Relâmpago / o instante / tem dedos de cinza”, escreveu ela.

Marília Garcia, que já participou da Flip no ano anterior para falar de sua própria obra, abriu esta edição com uma performance que costurou a poesia de Orides à sua vida pessoal — uma doença recente, a perda de um amigo. O momento mais comovente da noite veio de um achado: Marília compartilhou com o público um poema de Orides escrito num recibo dentro de um livro na bibliote-

ca da PUC-Rio, com a mensagem “Leio minha mão. Livro único” e o pedido “Passe adiante”.

Um vídeo de Davi Arrigucci Jr. trouxe a emoção de quem testemunhou a descoberta em primeira mão. Ele descreveu a obra de Orides como “um conjunto formidável, fora do comum” e lembrou o papel de Antonio Candido na divulgação de “Alba” (1983), livro que renderia à poeta o Prêmio Jabuti e, mais tarde, o prêmio da APCA por “Teia” (1996). São os mesmos livros que a editora Hedra relançou este ano, junto com três novidades editoriais: um livro ilustrado para crianças e jovens, uma coletânea inédita de escritos e entrevistas e uma edição revista e ampliada de sua principal biografia.

A curadora Rita Palmeira sublinhou um ponto que a abertura deixou claro: a poesia de Orides é complexa e comporta múltiplas leituras, mas sua biografia — as internações psiquiátricas, a vida sem casa própria, a dependência de amigos — não pode roubar a cena. “Ela contribuiu para que as poetisas subsequentes pudessem escrever sobre qualquer assunto e da forma que preferissem”, disse. Para a curadora, Orides expandiu o universo da escrita feminina não porque falou de si, mas porque dominou a forma com uma autoridade que não pedia licença a ninguém.

Fora da Tenda dos Autores, a Flip 2026 já se desenha como uma das maiores edições do evento. São 44 casas parceiras — um recorde — e 17 das 21 mesas literárias tiveram ingressos esgotados no primeiro dia de vendas, sinal de que o interesse do público acompanha o peso da programação, que inclui nomes como Zadie Smith, Carmen Lúcia, Andrea del Fuego e Ana Paula Tavares. A Secretaria de Turismo de Paraty já classifica o período da Flip como um dos de maior fluxo de visitantes na cidade, o que reforça o papel do evento não apenas como encontro literário, mas como motor econômico e cultural da região.

SERVIÇO

24ª FLIP - FESTA LITERÁRIA DE PARATY

Até domingo (26)

A programação completa está disponível no site oficial www.flip.org.br. Haverá transmissão ao vivo de mesas selecionadas pelo YouTube.



Cena do longa que junta um mascarado Peter Parker ao Justiceiro de Jon Bernthal e impulsiona uma avalanche de quadrinhos nas bancas



Fotos/Divulgação



Enquanto o filme não vem, temos os balõezinhos

Estreia do longa 'Homem-Aranha: Um Novo Dia' gera mobilização do mercado editorial mundial, com o herói mais pop da Marvel, gerando ofensiva gráfica da Panini no Brasil

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Tem uma nata do quadrinho italiano por trás de "Uomo Ragno: Il Segreto del Vetro", bolado pelos bambas Giorgio Cavazzano e Tito Faraci lá no Velho Mundo, chegando às bancas do país em duas semanas, para dar ao aracnídeo mais famoso da cultura pop resguardo gráfico em seu retorno à telona. "O Segredo do Vidro" é um especial relacionado à época da Sereníssima, ou seja, a República de Veneza, que

existiu do século 8 ao século 18. Um terrível mistério afunda suas raízes na ilha de Murano, mobilizando aquela região.

É um mistério que gira em torno do inquietante conde Alvise Giansu, cientista e alquimista que "consagrou à arte da fabricação do vidro a própria vida... e, num certo sentido, a própria morte". Só Peter Parker poderá dar conta dele, com suas teias. Essa publicação faz parte de um bonde de títulos que agita a estreia de "Homem-Aranha: Um Novo Dia" ("Spider-Man: Brand New Day"), que chega ao circuito no dia 31 com o desafio de tirar o onipotente "A Odisseia" do primeiro lugar da bilheteria mundial. Os dois contam com um mesmo trio de atores: Tom Holland, Zendaya e Jon Bernthal. Os três são coadjuvantes de luxo no épico de Christopher Nolan e vivem respectivamente Parker, Mary Jane Watson e o Justiceiro na franquia da Marvel, que terá o Hulk (Mark Ruffalo), o clã de ninjas chamado de Tentáculo e o vilão de aluguel Escorpião (Michael Mando).

A Marvel, lá fora, resolveu colocar essa turma toda no papel e aposta numa saga de HQs complementar ao filme. No miolo de "Spider-Man: Long Way Home", que saiu nos EUA na quarta, com capa de Adam Kubert, Frank Castle, o Justiceiro, está de posse de um objeto estelar chamado Cubo Cósmico. Sozinho



nas selvas da América do Sul, sua missão é impedir que o artefato caia nas mãos erradas. Em seu encalço está um gigantesco monstro verde que já dizimou todo seu esquadrão. Ali, o Homem-Aranha é encarregado pela agência de espionagem S.H.I.E.L.D. de recuperar o Cubo para a organização. Mas Frank dá trabalho...

Enquanto esse material não chega aqui, outra joia que a Panini põe

na roda é o encadernado "Um Novo Dia", com 232 páginas a retratarem uma mudança de ares na vida de Parker. Dan Slott, Marc Guggenheim, Salvador Larroca e Steve McNiven são os autores dessa dramaturgia.

Este mês sai o número 11 da revisitinha mensal do personagem. O time de quadrinistas ali tem Erick Arciniega, Joe Kelly, John Romita Jr., Marcio Menyz, Scott Hanna e Todd Nauck. Em suas páginas, Nova York assiste enquanto o Homem-Aranha leva a pior surra de sua vida. O que ele pode fazer para se recuperar? Tem que haver alguma coisa! Machucado e destruído após sua batalha contra o Hell Gate, Parker precisa se fortalecer se quiser sobreviver à próxima rodada. Para piorar, Mary Jane Watson também tem uma revelação para compartilhar! E os primeiros inimigos a testar a força do Aranha são o mestre da eletri-

dade Shocker e seus novos aliados, os Aftershocks!

No universo dos super-heróis, poucas marcas carregam o peso histórico de um número redondo. A Marvel prepara para setembro, nos Estados Unidos, a celebração da edição de número 1.000 de "Amazing Spider-Man", título que acompanha as aventuras do Homem-Aranha desde sua estreia, em 1963, e que se tornou a espinha dorsal editorial do personagem mais popular da Casa das Ideias (apelido da Marvel).

O álbum comemorativo, inserido na atual fase escrita por Joe Kelly, reunirá artistas e roteiristas que ajudaram a moldar a trajetória de Peter Parker ao longo de mais de seis décadas, numa edição concebida como um tributo ao legado do herói. Segundo a editora, a revista representará um ponto de inflexão na cronologia do Aranha e ainda apresentará um novo antagonista, Ravage, preparado para inaugurar uma nova etapa nas histórias do personagem e demarcar a maturidade de Parker.

A numeração histórica considera todas as edições publicadas desde 1963, independentemente dos sucessivos relançamentos que reiniciaram a contagem ao longo dos anos — sistema que a Marvel denomina Legacy Numbering. Na prática, a edição mil corresponde ao número 36 da atual fase editorial, iniciada em abril de 2025 e que vem sendo publicada no Brasil pela Panini.

Para o fecho deste mês, no Brasil, a editora promete "Guerra Venom Especial Vol. 01 - Homem-Aranha & Carnificina". Paralelamente, vale correr atrás de um álbum do Justiceiro feito pela dupla Mike Baron e Klaus Janson, hoje lendas vivas do ramo. Nos anos 1980 e 90, eles deixaram sua marca em um dos mais controversos personagens de todos os tempos! A cruzada do Justiceiro contra o crime o coloca frente a frente com um cartel boliviano, e, para Frank Castle essa viagem à América do Sul certamente não será uma visita prazerosa. Além de ter que enfrentar um religioso de carisma incomum, e com um exército pessoal, o vigilante tem de combater uma organização racista no Kansas e terroristas prontos para desencadear uma longa onda de assassinatos em Nova York.

Na Disney + rola hoje um média-metragem, com Bernthal, dirigido por Reinaldo Marcus Green que esbanja destreza no uso de cartilhas de ação.

2026

Festival
Sesc de
Inverno

AFLUIR

Vem viver encontros
e experiências que fazem
a cultura afluir.

+ DE 25 LOCALIDADES DO RJ

17 JULHO A 2 AGOSTO

Divulgação MÚSICA DETONAUTAS Entrada solidária para o Sesc Mesa Brasil com 1 kg de alimento não perecível (arroz, feijão e macarrão), 1 litro de óleo e/ou 1 lata de leite em pó. 25 JULHO SÁB 21H NOVA FRIBURGO Country Clube Av. Conselheiro Július Arp, 140 – Centro	Rose Yara Miranda MÚSICA BUCHECHA 25 JULHO SÁB 21H VARRE-SAI Praça Pedro Nunes de Moraes, s/n – Centro	Matheus Rubim MÚSICA FERNANDA ABREU DA LATA 30 ANOS 26 JULHO DOM 20H MIGUEL PEREIRA Praça da Matriz (Calçadão do Grawatta) R. Maria José, 62-116 – Centro	Marcos Hermes MÚSICA BIQUINI 26 JULHO DOM 21H CABO FRIO Praça São Cristóvão Rua Visconde de Rio Branco, s/n – São Cristóvão
Graciano Graciano MÚSICA PAULA FERNANDES 31 JULHO SEX 21H TRÊS RIOS Beira-Rio Av. Pref. Alberto da Silva Lavinas	Divulgação MÚSICA LEXA Entrada solidária para o Sesc Mesa Brasil com 1 kg de alimento não perecível (arroz, feijão e macarrão), 1 litro de óleo e/ou 1 lata de leite em pó. 01 AGOSTO SÁB 20H30 ITAIPAVA Parque Municipal Prefeito Paulo Rattes Estrada União e Indústria, 10.000 16	Eduardo Carvalho MÚSICA MUMUZINHO 01 AGOSTO SÁB 23H PORTO REAL Parque de Exposições Rua A, s/n – Polo Empresarial/Centro	Steff Lima MÚSICA LUDMILLA Entrada solidária para o Sesc Mesa Brasil com 1 kg de alimento não perecível (arroz, feijão e macarrão), 1 litro de óleo e/ou 1 lata de leite em pó. 02 AGOSTO DOM 19H ITAIPAVA Parque Municipal Prefeito Paulo Rattes Estrada União e Indústria, 10.000 16

PROGRAMAÇÃO
GRATUITA

CLASSIFICAÇÃO
LIVRE

A programação pode sofrer alterações sem notificação prévia.
Certifique-se dos detalhes nos canais do Sesc RJ.

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO COMPLETA EM:
FESTIVALSESCDEINVERNO.COM.BR

sescrio

sescrj

portalsescrio

REALIZAÇÃO:

GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO

(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Ella Pizzeria



Açafrão

Trufou o cardápio

Seja com a iguaria ou com ingredientes aromatizados, a trufa segue em alta nos menus cariocas

Das massas às burratas, passando pelos restaurantes japoneses, onde as peças trufadas conquistaram o público, a trufa continua em evidência nos cardápios do Rio. Em versões preparadas com a iguaria ou apenas finalizadas com ingredientes trufados, a trufa imprime aroma intenso e um toque de sofisticação aos pratos. A popularização desse sabor fez com que ele deixasse de ser exclusividade da alta gastronomia e passasse a aparecer em propostas para diferentes estilos de restaurantes e faixas de preço. O sucesso é tanto que algumas casas têm apostado em temporadas dedicadas à trufa, com menus especiais que celebram o ingrediente durante o período de safra. Confira abaixo alguns pratos que fazem sucesso nos restaurantes cariocas:



Francesa



Kitchin



Babbo Osteria



Cantina da Praça

AÇAFRÃO - A trufa negra fresca, um dos ingredientes mais desejados da alta gastronomia, é a estrela do novo menu especial da casa, no Recreio dos Bandeirantes. Disponível por tempo limitado, no almoço e no jantar, o menu contempla entradas, opções como Polenta Cremosa com Cogumelos Selvagens e Trufa Negra Fresca (R\$ 37), Agnolotti de Costela com Fonduta de Grana Padano Trufado (R\$ 85), Risoto de Tomates Assados com Trufa Negra Fresca (R\$ 88) e Mousse Aerado de Chocolate Branco com Frutas Vermelhas e Trufa Negra (R\$ 39). Av. Guignard, 770 – Recreio dos Bandeirantes. Tel: (21) 99159-0072.

BABBO OSTERIA - A temporada de trufas já é tradição na casa. O menu 2026 reúne cinco criações como o Roast Beef Tartufato (R\$ 248) com lâminas de roast beef, Grana Padano, pangrattato, aioli trufado e trufas frescas raladas; a Pepenara al Tartufo (R\$ 298) combina tagliolini em molho cremoso de bacon e vinho branco, ovo mollet e trufas frescas laminadas. E até o Tiramisù al Tartufo (R\$

155) com pão de ló embebido em café espresso, creme de chocolate branco assado trufado, mascarpone, baunilha e trufas frescas raladas. Rua Barão da Torre, 632 – Ipanema. Contato: @babboosteria.

CANTINA DA PRAÇA - A casa destaca em seu cardápio pratos que utilizam o toque marcante do azeite trufado. Entre as sugestões, o Gnocchi di Carne de Sol (R\$ 76 - foto) traz nhoque de batata gratinado, servido com creme de gorgonzola e finalizado com azeite trufado. Já para quem busca uma opção mais descontraída no jantar, a Pizza Cantina (R\$ 82) é preparada com molho de tomate da casa, mix de cogumelos salteados e recebe o toque final de azeite trufado. Rua Jangadeiros, 28 – Ipanema. Contato: @cantinadapracaipanema.

FRANCESE BRASSERIE - A casa está com sua primeira temporada de trufas. O chef Elia Schramm criou um menu de cinco pratos com destaque para o Caramelle à la Truffe (R\$ 295 - foto), massa fresca recheada com du-

xelles de cogumelos, creme de cogumelos, fonduta de Grana Padano e lâminas de trufa fresca e para o Mille-Feuille Vanille, Miel & Truffe (R\$ 155) massa folhada, creme de baunilha, caramelo de mel trufado e trufa fresca ralada. Rua Barão da Torre, 472 – Ipanema. Contato: @francese.brasserie.

ELLA PIZZARIA - Com inspiração nas tradicionais pizzarias napolitanas, a pizzaria aposta em ingredientes selecionados e fermentação natural para criar receitas autorais, como a Burrata Trufada (R\$ 78) recheada com pasta trufada, servida em pizzeta com borda recheada de cogumelos e crocante de Parma. Rua Pacheco Leão, 102 - Jardim Botânico. Tel: (21) 97496-3605.

KITCHIN - No restaurante japonês é possível encontrar o Carpaccio de Barriga de Salmão trufado (R\$ 107) com lâminas delicadas do corte, finalizadas com rasps de limão e azeite trufado. Av. Afrânio de Melo Franco, 290, 1º piso – Leblon. Tel: (21) 3190-7166.